

Moratória não é opção para o Brasil, diz professor suíço

26 JUL 1983

"A moratória não é saída para o Brasil. Seria muito ruim para o Brasil se ele tivesse uma decisão unilateral. Não seria tão ruim para o resto do mundo, mas muito grave para esse País. Uma decisão dessas não deixaria o sistema bancário mundial falir, mas certamente contribuiria para aumentar o caos".

Essa é a conclusão do professor Pierre Goetschin da Universidade de Lausane, na Suíça que está no Brasil a convite do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e ontem fez uma palestra no CNPq sobre "A Economia Internacional e as Perspectivas Brasileiras".

Amanhã ele falará aos empresários da Fiesp em São Paulo e quinta-feira no Sesc, em Pompéia, para os ex-alunos do IMEDE-Instituto of Management Developement, também em São Paulo.

Goetschin, ao fazer uma retrospectiva sobre a Economia Internacional e as Perspectivas Brasileiras disse que "não existem saídas para o Brasil a curto prazo. Segundo ele, "a euforia dos anos 70 trouxe distorções em termos de desenvolvimento regional e mesmo nas áreas mais bem dotadas do País, fica difícil encontrar as soluções".

Justificando sua afirmativa o professor Pierre, exclamou: existem dois Brasis, o moderno e outro cheio de problemas, com a migração, as favelas, a pobreza. A seu ver, o excesso de otimismo dos dirigentes na década de 70 comprometeu o desenvolvimento e demonstrou falta de preparo dos dirigentes para enfrentar crises.

— A curto prazo o que o Brasil tem que fazer é fortalecer as pequenas e médias empresas; contribuir para o aumento de emprego; revitalizar as grandes cidades promovendo intercâmbios comerciais regionais; aumentar a renda per capita e a poupança interna.

Goetschin acredita que vai depender muito das autoridades brasileiras vencer a crise econômica e financeira. "É minha opinião pessoal, vai depender muito do Governo brasileiro enfrentar essa crise que não tem similar em nenhuma parte do mundo. Nem na Polônia, que também enfrenta problemas talvez pelo nível de maturidade e a idade deste País. Vai depender da capacidade dos brasileiros de gerir seus próprios negócios, aumentar as suas necessidades para aumentar seu capital, abandonar os grandes projetos e se fixar nos pequenos negócios".

— O senhor está acompanhando as negociações do Brasil com o FMI? Vamos conseguir vencer as barreiras?

— Será difícil principalmente por causa do FMI que impõe regras e condições típicas do Fundo. Exige mudanças de política e essas regras terão de ser cumpridas. Provavelmente implicarão um orçamento mais restrito e contará com um acompanhamento de projeto

muito severo. As condições são difíceis para o Brasil, são restritivas e deflacionárias, impõem disciplina no sistema e é preciso ver se o Brasil consegue aguentar.

— Que o senhor aconselharia?

— Não dou conselhos. O Brasil tem recebido muitos conselhos ultimamente, mas ele deve assumir seu próprio destino. Mas, sou pela renegociação da dívida. Se houver pressão do Brasil e tentativa de nova solução, se encontrará a alternativa ideal. E mais, contará com apoio de bancos e indústrias do mundo ocidental.

— A necessidade de petróleo faz cada vez mais os países do 3º mundo dependentes dos países árabes. A pesquisa tecnológica está em condições de mudar esse quadro?

— Os países criaram as suas próprias dependências. O Brasil é um deles, deu muita importância à indústria de automóveis e uma percentagem grande da importação de petróleo é para satisfazer a indústria automobilística. Apóio o aumento de impostos na importação para consumo, temporariamente e sugiro que só seja liberado o óleo industrial. Por outro lado, é importante estimular as alternativas de consumo de energia: apóio por isso a solução brasileira para o maior uso do álcool e a ela devem ser acrescidas outras soluções.

— Como encarar o problema da superpopulação e qual a sua opinião sobre planejamento familiar?

— O planejamento familiar é útil, mas não pode ser imposto. Em termos de Brasil o que é preciso é melhorar a renda familiar, pois melhorando a renda per capita reduz-se a taxa de natalidade e se aumenta a poupança. As providências que o Brasil vem tomando com relação à poupança até reduzindo o Imposto de Renda para os poupadore s são bastante válidas.

— O senhor concorda com a teoria de que o mundo está mergulhado num caos?

— Não. Na época da II Guerra Mundial o caos era muito maior. O mundo sempre esteve mergulhado em caos. Nas décadas de 1950/60 foram excessivos os problemas. Acho que vivemos agora em tempos normais.

— Até quando o dólar continuará sendo a mola do mundo?

— Não vejo nos tempos atuais nenhuma moeda que assuma o lugar do dólar, capaz de no déficit de pagamento suprir as necessidades do mercado internacional. Hoje, ninguém quer institucionalizar a moeda. Só os Estados Unidos têm condições para isso, embora em contrapartida não teria aprendido o suficiente para gerenciar outra moeda internacional. Provavelmente levaria no mínimo mais 10 anos, para que se crie um banco internacional para isso.